

O GÊNERO SATÍRICO NO APÓSTOLO PAULO

por Francisco Benedito Leite¹

Resumo: Com esse texto pretendemos demonstrar alguns momentos em que o apóstolo Paulo escreveu sob o gênero satírico. Não que pretendamos colocar Paulo ao lado dos satiristas romanos como Juvenal e Petrônio, pois não queremos dizer nada a respeito de gênero literário, mas sim, de “gênero discursivo”, conforme as teorias que o pensador russo Mikhail Bakhtin propôs a esse respeito.

Palavras-chave: gêneros do discurso; sátira menipéica; apóstolo Paulo; Mikhail Bakhtin.

Abstract: With this text we aim to demonstrate some instances in which the Apostle Paul wrote under the satirical genre. Not that we want to put Paul on the side of Roman satirists like Juvenal and Petronius, because we do not mean anything about the literary genre, but of "genre" as the theories that the Russian thinker Mikhail Bakhtin proposed in this regard.

Keywords: genres of speech; menippean satire; Paul apostle; Mikhail Bakhtin.

“Mas de que Paulo estão falando?”

Através do método exegético histórico-crítico, teólogos biblistas, desde o século XIX decretaram a existência de diferenças entre o Paulo das cartas e o Paulo de *Atos dos Apóstolos*, e ainda mais, diferenças entre o Paulo das cartas autênticas e das cartas de autoria questionável.

¹ Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), membro do grupo de pesquisa de apocalíptica, misticismo e fenômenos visionários: *Oracula*. E-mail: ethnosfran@hotmail.com.



Tomemos como exemplo o estudioso francês Ernest Renan que durante o século XIX, em seu livro *Paulo, o 13º apóstolo* (2008), apresentou o esquema de autenticidade das cartas paulinas que permaneceria com ampla aceitação dentre os adeptos do método histórico-crítico até períodos recentes, ou - em alguns casos - permanece até hoje. O esquema apresentado por Renan segue abaixo:

- 1º Epístolas incontestáveis e incontestadas: a Epístola aos Gálatas, as duas aos Coríntios e a Epístola aos Romanos;
- 2º Epístolas certas, ainda que a seu respeito tenham sido feito algumas ressalvas: as duas aos Tessalonicenses e a Epístola aos Filipenses;
- 3º Epístolas de uma provável autenticidade, ainda que lhe pesem graves objeções: a Epístola aos Colossenses, tendo anexo o bilhete a Filemon;
- 4º Epístola duvidosa: a chamada Epístola aos Efésios;
- 5º Epístolas falsas: as duas a Timóteo e a Epístola a Tito. (Renan, 2008, p. 14)

Esta classificação, dos escritos atribuídos a Paulo, levou os acadêmicos a articularem a diferença entre um *Paulo canônico* e um *Paulo histórico*. O Paulo canônico é apenas uma criação eclesiástica, que começa a ser traçada a partir da terceira geração de cristãos, que atribuiu escritos a seu nome (*I e II Timóteo, Tito, Efésios e Colossenses*, e talvez mais alguma carta), assim como apresentou um Paulo submisso à Jerusalém em *Atos dos Apóstolos*, a fim de legitimar os dogmas institucionais do cristianismo do fim do século I, em

contraposição a voz inflamada do autêntico apóstolo Paulo, que afirmava com veemência a eminência da *parousia*, a justificação pela graça e fé e se posicionava contra a injustiça social e a desigualdade da política imperial romana.

Pois, através do cânon seria possível realizar uma interpretação do apóstolo Paulo através de si mesmo, de maneira que uma carta interpreta a outra, suavizando as elocuições paulinas incompatíveis para a igreja que começava a se institucionalizar.

Como por exemplo, (a) a expectativa de Paulo, da vinda iminente de Cristo a ser realizada durante o período de sua vida – expressa em 1Co 12.26-31; 15.51ss.; 1Ts 4.13-17; *passim* – tem sua premência amenizada – quando lida paralelamente com Ef 2.7; 6.3; 1Tm 4.8; 2Tm 4.18; *passim* – onde Paulo presume sua morte e a existência de futuras gerações. (b) Diminuição da ênfase na salvação exclusivamente pela graça e fé e relativo aumento na ênfase das boas obras (cf. Rm 3.28; Gl 3.24; Ef 2.10; 1Tm 6.11; Tt 1.7-16). (c) Afrouxamento do pensamento político igualitário. Enquanto em algumas cartas Paulo não fazia distinção de gênero, raça, status social e língua (cf. Gl 3.27-28), nem pretendia a hierarquização eclesiástica (cf. 1Co 12.1-31), em outras, a hierarquia está bem delineada (cf. 1Tm 3.2; Tt 1.7) e os dons se tornaram ofícios (cf. Ef 4.11ss.); e as mulheres passaram a estar debaixo de uma enfática submissão (cf. Ef 5.22; 5.23-33; 1Tm 2.9-14). (d) Mistificação da vida e obra de Paulo. Enquanto Paulo se opõe a “sabedoria deste mundo” (cf. 1Co 1.18-21) e opõe “o governo do céu” (cf. Fl 3.21-21) à “perversidade do mundo



presente” (cf. Gl 1.4), organizando assembléias cristãs em clara resistência ao governo imperial, em *Efésios* 6.12 ele afirma que a luta dos cristãos é contra as “forças espirituais do mal”, nada de resistência política, pois é necessário orar pelos reis e por todos que exercem autoridade (cf. 1Tm 2.1-2).

Assim, cada escola interpretativa utilizaria um dos pontos referidos acima, como critério de autenticidade da autoria paulina juntamente com critérios lingüísticos e critérios relacionados à crítica das fontes. Desta forma, para separar o *Paulo histórico* do *Paulo canônico*, cada uma das escolas, ou intérpretes individuais, pintaria seu próprio retrato de Paulo, que por motivos metodológicos, no final das contas, era uma versão sectária do apóstolo. Curiosamente, o mesmo método gerou conclusões extremamente diferentes.

Para os teólogos luteranos alemães, o filtro para que se chegue à autêntica autoria paulina – e portanto ao *Paulo histórico* – está na “salvação pela fé”, como apresentaram Rodolf Bultmann e seus discípulos Ernst Kasemann, Leonhard Goppelt e Gunther Bornkamm. Desta forma, Bultmann em sua *Teologia do Novo Testamento* (2008), apresenta na terceira parte de seu livro, o declínio espiritual do cristianismo em vista do auge alcançado em Paulo e João, nesta sessão se encontram as cartas inautênticas, definidas como tal, devido, também a critérios de coerência teológica.

Refutando um suposto anacronismo dos luteranos, surgiu, na da década de 1970, a *Nova perspectiva em Paulo*, através de Ed Parish Sanders em *Paul and palestinian judaism: A comparison of*

patterns of religion (1997) que interpretou o apóstolo a partir do judaísmo da diáspora e se tornou determinante para toda a posteridade dos estudos a respeito de Paulo e teve como seu maior expoente James Dunn. Mesmo assim, as gerações de estudiosos futuras reclamariam da sistematização exagerada que Dunn dera ao pensamento paulino, pois seus enormes tomos a respeito do pensamento paulino subdividiam-no em várias camadas, como se o apóstolo tivesse tanta clareza e coerência na sua teologia, apesar de suas cartas evidenciarem o contrário a qualquer leitor iniciante.

Para a linha de interpretação sociológica – uma versão estadunidense da Teologia da Libertação –, representada por Richard Horsley e os autores dos artigos reunidos em seu livro *Paulo e o Império: religião e poder na sociedade imperial romana* (2004), o filtro para se chegar ao pensamento paulino é a justiça social. Desta forma, em *Libertando Paulo, justiça de Deus e política do apóstolo* (1997), Neil Elliott, levou esta afirmativa às últimas instâncias, afirmando que qualquer palavra que seja anti-igualitária não pode ser de autoria paulina, ainda que esteja em um livro autêntico, como *Romanos 13*, onde Paulo ordena submissão às autoridades.

Outra linha interpretativa prioriza o misticismo do apóstolo. Desde que o estudioso do judaísmo Gershom Scholem, relacionou Paulo com o misticismo e apocalíptica da *merchavah* em seu livro *As grandes correntes da mística judaica* (2008) vários estudiosos como John Ashton, Christopher Rowland, John Collins foram influenciados e redigiram pesquisas importantes que alcançaram grande adesão no



mundo acadêmico contemporâneo. Neste retrato Paulo não tem uma teologia como pressupunham os luteranos e os adeptos da *Nova perspectiva*, toda sua obra é dirigida pelas experiências místicas que tivera ao longo de toda sua vida. Em especial sua conversão no caminho de Damasco e seu arrebatamento ao terceiro céu. Mas, para os adeptos desta linha, como deveriam ser compreendidas as utilizações, que o apóstolo fez, ao longo de suas cartas, de categorias estoicas e da retórica? Pois ainda que se saiba que o apóstolo não era um intelectual, isto não implica que ele não possuísse um pensamento bem articulado, que tenta se aproximar de seus intelectuais contemporâneos – nem sempre de maneira bem sucedida.

Ainda seria possível apresentar outras formas de interpretar o apóstolo que obtiveram, em algum momento, certa ênfase, como o *Paulo dos gnósticos* apresentado por Elaine Pagels (1975) que retoma a antiga interpretação de que o apóstolo fora um gnóstico, que já havia sido afirmada desde o século XIX e se tornou famosa na obra de Adolf von Harnack *Marcion: The gospel of the alien god* (1990), onde o historiador alemão afirma que Marcion, apesar de ser considerado pelas denominações majoritárias do cristianismo como um arque herege, “o apóstolo Paulo não teve pupilo mais devotado do que ele” (*ibidem*, p. 1).

O *Paulo dos filósofos*, o qual veio sendo mais ou menos delineado desde o período iluminista, por filósofos referenciais, mas que ganhou contornos bem nítidos em *O Anticristo* (2009) de Friedrich Nietzsche, onde o apóstolo é apresentado como o maquiavélico

inventor do cristianismo em contraposição a ética simplista ensinada e praticada por Jesus e seus primeiros seguidores.

O *Paulo dos fundamentalistas*, que não passa de uma leitura canônica dos escritos paulinos em paralelo com os dogmas eclesiásticos protestantes, como catecismos e confissões de fé. O teólogo holandês Herman Hidderbos em seu livro *Teologia do apóstolo Paulo* (2004) apresentou uma atualização desta compreensão do apóstolo.

Diante de tantas descrições difusas do mesmo personagem, realizo a minha própria apresentação, “o Paulo satírico”. Contudo, não mais sob o método histórico-crítico, mas sim, através de um exercício de translinguística, na esteira do pensador russo Mikhail Bakhtin. Para tanto, no parágrafo que segue apresentarei uma de suas metodologias e, em seguida, a aplicarei. Porém não compreenda esta proposta metodológica como normativa e cheia de diretrizes estabelecidas, antes entenda que ela é uma criatura prestes a nascer, “prenhe”, pluralística e aberta para futuros incrementos.

Gêneros discursivos

Mikhail Bakhtin elaborou sua própria teoria a respeito dos “gêneros do discurso” (Bakhtin, 2010b, pp. 261-306), e nesta teoria, assim como em suas demais, não há sistematização, tampouco há pretensão de uma listagem dos gêneros. Pois quando ele fala dos gêneros do discurso ele pretende salientar sua dimensão dialógica, ou seja, o fenômeno que ocorre na esfera dos interlocutores, no efeito do



diálogo, que é uma corrente ininterrupta e constante de pergunta e resposta *ad infinitum*. Assim, para Bakhtin, as formas de gênero são infinitas, assim como são infinitas as formas de atividade humana, com as quais os gêneros sempre estão necessariamente relacionados.

Desta maneira, Bakhtin compreende que o gênero do discurso se manifesta na comunicação através do tom da voz e através de uma série de códigos implícitos que são percebidos pelos interlocutores, mas que ficaria sem sentido para aquele que está fora do âmbito deste diálogo. Como aquelas piadas regionalistas, ou aqueles insultos que um amigo faz ao outro através de um xingamento que não é compreendido como ofensa, mas como expressão de laços íntimos de amizade ou familiaridade.

Pois, em um diálogo não há passividade nem no sujeito do discurso, tampouco no ouvinte, visto que, conforme Bakhtin:

toda compreensão plena e real é responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma que ela se dê). O próprio falante está determinando precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas duble o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc. (os diferentes gêneros do discurso pressupõem diferentes diretrizes de objetivos, projetos de discurso dos falantes ou escreventes). (*ibidem*, p. 272)

Estas palavras de Bakhtin representam aquele mesmo processo que Carlo Ginzburg intitulou como “filtro deformador” em seu livro *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição* (1997). Neste livro, Ginzburg explica o processo hermenêutico, ou epistemológico, que ocorria através da leitura que um moleiro friuliano realizava de alguns escritos religiosos. Adaptando suas leituras a elementos de sua própria imaginação e de seu cotidiano, assim como as relacionava a outras leituras, mas que nada tinham a ver com aquilo que estava escrito propriamente nos livros consultados.

Portanto, as palavras que compõem um diálogo – seja ele manifesto através de leituras, comunicação verbal, inscrições em paredes, ou por qualquer outro meio que realize uma ligação comunicativa entre dois indivíduos – são sempre neutras. Pois possuem uma ambivalência intrínseca que só pode ser discernida pelo gênero discursivo, que é muito negligenciado pelos estudiosos de literatura em geral e especialmente pelos exegetas bíblicos, que normalmente só levam em conta o gênero literário.

Mais uma vez, conforme Bakhtin:

falamos apenas através de gêneros sem suspeitar que eles existam, pois eles nos são dados da mesma forma da língua materna (Bakhtin, 2010b, p. 282)

pois através do gênero se torna possível adivinharmos o discurso alheio (*cf. ibidem*, p. 283). E, caso seja possível que se domine uma língua, sem que se domine os seus gêneros, estes se tornam



indispensáveis para a compreensão mútua em um diálogo (*cf. ibidem*, p. 284), pois são eles que dão coesão à compreensibilidade de um enunciado (*cf. ibidem*, p. 286).

Estes fatos fazem com que seja impossível listar estes gêneros, principalmente porque surgem novos com o passar do tempo, como os que vêm sendo desenvolvidos nos meios de comunicação eletrônico, como torpedo sms, e-mail, chat, blog, etc.

Assim, tendo em mente o que queremos dizer quando falamos de gêneros do discurso, passamos a afirmar que o apóstolo Paulo em algumas ocasiões, realizou enunciados sob um gênero que intitulamos provisoriamente de satírico.

Provisoriamente, visto que o enquadramento de um enunciado, em um tipo específico de gênero, não pode ser estanque, devido a sua multiplicidade de modelos e à dinamicidade do enunciado que varia de uma forma de discurso para outra com certa frequência e rapidez.

Chamamos de satírico porque parece ser o mesmo gênero discursivo que estava presente no gênero literário do mundo antigo chamado sátira menipéia, o qual parece ter sido o gênero da literatura carnalizada por excelência, segundo um outro conceito bakhtiniano (*cf. Bakhtin, 2010a*).

Porém, estamos conscientes de que só podemos inferir que Paulo tenha dialogado sob esse gênero através de alguns apontamentos que realizaremos. Pois não ouvimos sua voz, para que soubéssemos em que tom ela pronunciara esses enunciados, tampouco sabemos a relação dele com seus oponentes. Mas

sabemos, isto sim, da existência de um gênero que permitia que denúncias fossem realizadas através de enunciados que reviravam os valores tradicionais de ponta cabeça, mas sem atrair grandes acusações sobre quem os pronunciava, porque eram realizados através de um tom bem-humorado, que obviamente não era compreendido pelo seu interlocutor de forma literal, mas com certa dose de ironia e verossimilhança. Este gênero, chamado sátira, será apresentado agora.

O mundo antigo e a sátira

No mundo antigo temos alguns exemplos de sátira que chegaram até nós. Não queremos relacionar o que estamos chamando de sátira com aquele gênero literário de Juvenal e Petrônio, o qual era uma manifestação de conservadorismo que zombava das inovações que mudavam os costumes romanos tradicionais.

A sátira que pretendemos relacionar com alguns enunciados paulinos é um gênero que rompe com as tradições estabelecidas através de um riso bem-humorado, o qual é conhecido especificamente como sátira menipéia,

Frederico de Souza Silva em sua dissertação de mestrado, *Apocolocintose do divino Cláudio: tradução, notas e comentários* (2008) apresentou catorze características da sátira menipéia, com base em: *Problemas da poética de Dostoievski* de Mikhail Bakhtin (1981, pp. 114-118), assim as parafraseamos: (1) elemento cômico; (2) liberdade de invenção do enredo e da filosofia;



(3) elemento fantástico, as vezes simbólico ou místico-religioso; (4) mistura de elementos fantásticos com as camadas baixas da sociedade; (5) liberdade das conveniências sociais; (6) estrutura em planos – inferno, céu, terra, sobrepostos um a outro; (7) ângulo do ponto de vista privilegiado; (8) limítrofes com a loucura; (9) cenas de escândalo; (10) “alto e baixo” – contrastes agudos; (11) elemento utópico; (12) uso de gêneros [literários] intercalados; (13) variedade de estilos; (14) atualidade do tema – às vezes aparecem personagens ou temas contemporâneos bem conhecidos.

Através de três obras podemos apontar este gênero no mundo antigo: *Aboborificação do divino Cláudio*, do filósofo cordobês Lucio Aneu Sêneca (4 a.C – 65 d.C), *Diálogo dos mortos* do prosador Luciano de Samosata (125 d.C – 181 d.C) e *O asno de ouro* do escritor romano Lucio Apuleio (125 d.C – 180 d.C).

O satirismo do apóstolo Paulo

Abaixo apontaremos dois momentos em que o apóstolo Paulo parece ter emitido discursos sob o gênero satírico ao longo da *I Carta aos Coríntios*.

18 Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem, mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus.

19 Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios, E aniquilarei a inteligência dos inteligentes.

20 Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?

21 Visto como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação.

22 Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria;

23 Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos.

24 Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus.

25 Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.

26 Porque, vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados.

27 Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes;

28 E Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são;

29 Para que nenhuma carne se glorie perante ele.

30 Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção;

31 Para que, como está escrito: Aquele que se gloria glorie-se no Senhor. (1Co 1.18-31 – Fiel)

Neste texto, Paulo afirma que a palavra da cruz inverte os valores tradicionais, tanto os greco-romanos, quanto os judaicos. Quem perece a tem como loucura, quem a experimenta a tem como poder (*dynamis*) de Deus (v. 18) e sabedoria de Deus (v. 24).

Na seqüência da voz do profeta, segue um tom altamente injurioso, devido a sequência de perguntas que não quer ouvir



resposta, mas apenas apontar a fraqueza do oponente (v. 20). E também devido à afirmativa de que Deus aniquilou a sabedoria e a inteligência, dando um outro tom ao enunciado do profeta Isaías (v. 19).

Pela sua sabedoria o mundo não conheceu a sabedoria de Deus (v. 21), por isso Deus quis salvar os fiéis através da loucura da pregação, pois mesmo a loucura e a fraqueza de Deus já são mais fortes que a sabedoria e a força dos homens.

A problemática se dá pelo motivo de que “loucura” e “escândalo”, que se manifestaram na cruz, repelem tanto os gregos, quanto os judeus e são atraentes apenas para as “coisas vis”.

Várias características deste trecho contribuem com nossa afirmativa de que este seja um discurso de gênero satírico. Loucura e sabedoria, neste contexto têm valoração contextualizada; o elemento cômico das perguntas injuriosas; o escândalo da cruz; o antagonismo valorado opostamente e os elementos místico-religiosos misturados com as camadas baixas da sociedade.

12 Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também.

13 Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito.

14 Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos.

15 Se o pé disser: Porque não sou mão, não sou do corpo; não será por isso do corpo?

16 E se a orelha disser: Porque não sou olho não sou do corpo; não será por isso do corpo?

17 Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde estaria o olfato?

18 Mas agora Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis.

19 E, se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo?

20 Assim, pois, há muitos membros, mas um corpo.

21 E o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti; nem ainda a cabeça aos pés: Não tenho necessidade de vós.

22 Antes, os membros do corpo que parecem ser os mais fracos são necessários;

23 E os que reputamos serem menos honrosos no corpo, a esses honramos muito mais; e aos que em nós são menos decorosos damos muito mais honra.

24 Porque os que em nós são mais nobres não têm necessidade disso, mas Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela;

25 Para que não haja divisão no corpo, mas antes tenham os membros igual cuidado uns dos outros.

26 De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele.

27 Ora, vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular. (1Co 12.12-27 – Fiel)

Este conhecido trecho bíblico se tornou símbolo da unidade eclesial. Pregadores dizem que para que uma igreja funcione bem ela deve funcionar como um corpo, onde cada membro efetua sua função em coerência com o restante do organismo.

Porém, o corpo do qual o apóstolo fala não parece tão modelar assim. Afinal, a orelha, o olho, o ouvido, o olfato e os pés e a cabeça



são postos lado-a-lado, no que diz respeito a suas respectivas importâncias. Nenhum deles é mais importante que o outro, muito embora na tradição greco-romana a cabeça fosse o órgão gerenciador que se sobrepõe em função ao restante de todos os órgãos – como afirmou Platão, em *República* e Sêneca em *Da Clemência*, e também, particularmente interessante: as *Cartas Deutero-paulinas* (cf. Ef 1.22; 4.15; 5.23; Col 1.18; 2.19).

Mais grotesco do que justapor a cabeça aos demais membros é afirmar que

os [membros] que reputamos serem menos honrosos no corpo, a esses honramos muito mais; e aos que em nós são menos decorosos damos muito mais honra. (1Co 12.23 – Fiel)

Assumindo a ambivalência dos órgãos genitais. Que ao mesmo tempo são desonrosos devido a sua função de expelir matéria impura do interior do corpo, também tem a mais nobre função, que é a de promover a vida.

Falar do corpo nestes termos na colônia romana do primeiro século chamada Corinto destoava dos discursos contemporâneos, tanto a respeito do corpo, quanto a respeito da sociedade. Com essa metáfora, o apóstolo deve ter feito alguns dos seus ouvintes darem risada.

Considerações finais

Através deste texto tentamos demonstrar uma semelhança de gênero discursivo, entre dois enunciados do apóstolo Paulo e um gênero literário do mundo antigo chamado “sátira menipéia”.

Mais uma vez asseveramos que não tentamos destacar semelhanças literárias, mas sim discursivas, segundo uma teoria de Bakhtin que julga necessária a compreensão do gênero discursivo para uma compreensão mais apurada do texto e sua mensagem.

Estamos conscientes do risco que corremos com tal aproximação, porém, achamos válida a tentativa de estudar os gêneros discursivos na Bíblia. Elemento que nunca esteve presente na metodologia exegética histórico-crítica, a não ser na obsoleta busca pela *ipsissima vox*, que apesar de buscar uma oralidade, não se sabe até que ponto esta oralidade se relaciona com os gêneros discursivos como aqui sugeridos. Pois o riso sempre foi suprimido pela seriedade que se impôs na cultura ocidental desde o período medieval. “Só as culturas dogmáticas e autoritárias são unilateralmente sérias” (Bakhtin, 2010b, p. 370).

Através deste gênero, Sêneca afirmou que um deus (Cláudio) após sua morte foi feito escravo no inferno, e Paulo afirmou que a crucificação de um judeu manifestou a sabedoria de Deus a este mundo.

Pretender dar uma conclusão a este texto seria negar tudo o que o nosso referencial teórico, Mikhail Bakhtin, afirmou a respeito das ciências humanas e seria também uma contradição à nossa proposta



inicial de apresentar uma metodologia pluralística e aberta para futuros incrementos. Assim sendo, que esta nossa proposta permaneça como uma coisa preta e inacabada e de múltipla interpretação. Caso o leitor não a leve a sério e menospreze o potencial desta metodologia, ainda assim teremos conquistado nosso objetivo, pois o riso é a força que rompe as hierarquias e abre as portas para o nascimento do novo na cadavérica manifestação do velho.

Referencias bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. (1981), *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. (2010a), *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento – O contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec.
- _____. (2010b), *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BÍBLIA. Português. (2010), *Bíblia Sagrada – Edição Almeida Corrigida e Revisada Fiel (Fiel)*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.
- BORNKAMM, Gunther. (2009), *Paulo: vida e obra*. Santo André: Academia Cristã.
- BULTMANN, Rudolf. (2008), *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã.
- DUNN, James D. G. (2007) *The New Perspective on Paul*. Eerdmans Publisher Co.
- _____. (2008), *A teologia do apóstolo Paulo*. 2. ed. São Paulo: Paulus.
- ELIOT, Neil. (1997), *Libertando Paulo: A justiça de Deus e a política do apóstolo*. São Paulo: Paulus.
- FARACO, Carlos Alberto. (2009), *Linguagem & diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial.

- FIORIN, José Luiz. (2006), *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática.
- GINZBURG, Carlo. (1997), *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- GOPPELT, Leonhard. (2003), *Teologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Paulinas.
- HARNACK, Adolf Von. (1990), *Marcion: The gospel of the alien god*. Durham: The Labirinth Press.
- HORSLEY, Richard A. (org.). (2004), *Paulo e o Império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus.
- KASEMANN, Ernst. (2003), *Perspectivas paulinas*. São Paulo: Teológica.
- NIETZSCHE, Friedrich. (2009), *O Anticristo e Ditirambos de Dionísio*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PAGELS, Elaine. (1975), *The gnostic Paul – Gnostic exegesis of Pauline letters*. Philadelphia: Fortress Press.
- RENAN, Ernst. (2008), *Paulo, o 13º apóstolo*. São Paulo: Martin Claret.
- RIDDERBOS, Herman. (2004), *Teologia do apóstolo Paulo – A obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo aos gentios*. São Paulo: Cultura Cristã.
- SANDERS, E. P. (1987), *Paul and palestinian judaism: A comparison of patterns of religion*. Philadelphia: Fortress Press.
- SCHOLEM, Gershom. (2008), *As grandes correntes místicas da judaica*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva.
- SOUZA, Frederico da Silva. (2008), *Apocolocintose do divino Cláudio: tradução e notas explicativas*. São Paulo, (2008), Dissertação (Mestrado em Letras)– Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).